

O Papel das religiões num país com medo

Por: Maria Clara Bingemer

Viver no Brasil de hoje é sinônimo de ter medo: medo de andar na rua, medo de deixar a janela da casa ou do carro abertas, medo de sair de noite, medo de existir, de se mover, de ser. Medo, enfim, de viver.

O Brasil, tradicionalmente país da alegria, do samba, do futebol e do carnaval, agora é o país do medo. As autoridades, enfim acordadas depois de longa letargia, pensam e repensam, planejam e replanejam estratégias para debelar essa violência que nos acossa por todos os lados e esbarram na espiral que cresce e se agiganta, mas também, e mais ainda, em uma população com medo, que não colabora com a erradicação da violência simplesmente por pavor de ser a próxima vítima.

Diante deste medo generalizado, nos perguntamos pelo papel das religiões, encarregadas de ser portadoras de paz, esperança e vida para todos.

Após debruçar discretamente o olhar sobre algumas das grandes tradições religiosas, procurando perceber o nexos entre violência e religião, herdado de uma longa tradição, difícil é chegar a uma conclusão. Sobretudo quando se trata de examinar todo o polifacético e complexo quadro que este nexos tem gerado na história da humanidade.

Em todo caso, o que parece ser comum a todas as religiões, é que a violência é diametralmente oposta ao projeto de Deus na criação e na história. Apesar de, em certos períodos desta mesma história, o ser humano só conseguir enxergar a vontade e o desejo de Deus dentro de uma ótica de violência, o prosseguimento da pedagogia divina vai mostrar que na verdade Deus deseja a paz desde o princípio, e criando o ser humano à sua imagem e semelhança, quer possibilitar que em cada homem e em cada mulher aconteça o desejo do Reino de Deus, que é um desejo de paz.

Nesse sentido, toda a história da humanidade enquanto história do povo de Deus é a história da busca dessa paz, dessa *shalom*, que não é a ilusão de uma tranquilidade sem conflitos, mas a busca constante de uma paz dinâmica, sempre perdida e sempre recuperada, mas sempre doada sem cessar e mais que isso, desejada pelo Deus Transcendente ao mesmo tempo que amoroso.

O fato de que, na história do Cristianismo em alguns períodos, assim como em outras tradições religiosas, a violência continue presente e, mais ainda, legitimada pela religião, é devido à não capacidade do ser humano de instaurar dinâmicas de paz que sejam verdadeiramente eficazes na luta por uma vida mais humana.

Ao longo do tempo, vários pensadores que marcaram a história do mundo ocidental e oriental levantaram suas vozes para criticar a violência. O processo da violência e a alienação que ele produz é por eles e elas percebido como um processo de reificação, ou

seja, de assassinato. Só ao se libertar de toda dominação da força é que o ser humano pode então contemplar os três mistérios da existência: a verdade, a justiça e a bondade.

Toda violência é na verdade violação da personalidade daquele que a sofre. Toda violência é ameaça de morte. E isso porque atingir a dignidade do ser humano é já atingir sua vida. Da humilhação ao extermínio e ao genocídio, portanto, são múltiplas as formas de violência e múltiplas as de morte. E toda forma de violência portanto é mortal. E por isso produz tanto medo, neste ser humano que se sente feito para a vida e não para a morte.

A violência é tão antiga quanto o mundo e o homem toma consciência de sua existência desde o momento em que toma consciência de seu próprio existir enquanto ser humano. Descobre então que sua própria humanidade se encontra ameaçada pela violência inumana e desumanizante.

A violência é também algo irracional. Por isso o ser humano desperta para o pensar quando toma consciência da violência como algo radicalmente contrário às exigências de sua razão. A ética, portanto, julga a violência, identificando-a como a negação da humanidade e lhe opõe uma negação categórica recusando-lhe toda dignidade.

É esse conhecimento da violência e a recusa de submeter-se aos seus imperativos que funda o conceito mesmo de não violência. O homem e a mulher fortes - ao contrário do sentido comumente dado a isso - não seriam aquele ou aquela que possui os meios do poder e da violência, mas o que possui a sabedoria da não violência. Aquele que possui a força é aquele que sabe resistir ao arrastar da paixão coletiva e guarda o controle de seu próprio destino. A virtude da força é o que se chama comumente a fortaleza de alma, o dom da fortaleza que permite enfrentar as provações e as vicissitudes da vida, mantendo-se firme no que crê até o dom da própria vida.

Cremos que a única fonte possível da não violência é espiritual. Ainda que não tenha poder de se opor eficazmente à violência da opressão ou da agressão a ponto de elimina-la, a fortaleza espiritual transforma o ser humano por dentro, gerando vida a partir de sua vontade de não violência. As forças aparentes e “eficazes” geralmente são materiais, sendo a fortaleza espiritual, do pensamento ou da vontade, “essencialmente contraditórias”.

Na sociedade como no mundo, a ordem da paz resulta do jogo das forças e energias que se limitam e se equilibram umas às outras. Não pode, portanto, haver relações justas e pacíficas entre os homens senão na medida em que uns e outros sabem limitar seus desejos e não desejam se apropriar dos objetos finitos. Pois um desejo limitado pode compor com meus outros desejos e com os desejos limitados dos outros homens.

A violência surge precisamente quando o homem começa a desejar o ilimitado, ou seja, perde o freio de seus próprios desejos e/ou quando seu desejo se encontra contrariado pelos outros. A violência se enraíza num desejo ilimitado que esbarra no limite constituído pelo desejo de um outro.

A justiça e a paz só podem acontecer, portanto, no momento em que os seres humanos renunciam a possuir o infinito, renunciam a desejar ilimitadamente e se dispõem a aprender a viver e conviver com suas diferenças.

Pode-se fazer isso através de uma Pax Romana, uma ausência de guerra respaldada por uma auto-defesa extrema. Ou pode-se tentar uma Paz Grega, um “Irenismo”, uma harmonização de conflitos dentro de um coro singular de vozes baseado no argumento sólido sobre as coisas essenciais. Mas mesmo isto não é bastante. Precisa-se também do *shalom* judaico e bíblico, uma constelação de opostos que se recusam a ser reduzidos a uma uniformidade pseudo-harmônica, mas em cuja discordância o essencial dinamismo da questão religiosa fica preservado. O diálogo entre as religiões é uma busca de todos esses tipos de paz.

Há muitas coisas nas outras religiões que nos parecem difíceis de aceitar. Se estivermos, porém, embarcados na tarefa comum de exorcizar o medo para que a paz possa brotar novamente no chão de nosso país acuado e acovardado, poderíamos começar pelo exercício de escutar. Escutando o outro, podemos aprender não apenas sobre como ele entende a realidade, mas qual é a sua maneira própria de entender. O medo começaria aí a ser exorcizado.

A escuta do outro em sua diferença, feita em meio a uma enorme pluralidade de outras confissões e em diálogo com elas, devem ser uma vivência e uma fé desarmadas. O importante não é julgar, mas olhar, ver, escutar. Só assim poderemos “sair” da escravidão do medo e da violência mimética e redutora da alteridade do outro e entrar numa dinâmica de paz polifacética e plural. E somente uma tal “saída” pode levar -nos de volta à paz que não é apenas ausência de guerra, mas produtora de vida.